



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 11, número 2, maio-ago. 2022

A MULHER QUE PODERIA TER SIDO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DAS POSIÇÕES-SUJEITO DE EURÍDICE EM *A VIDA INVISÍVEL DE EURÍDICE GUSMÃO*



THE WOMAN WHO COULD HAVE BEEN: A DISCURSIVE ANALYSIS OF EURIDICE'S SUBJECT-POSITIONS IN *THE INVISIBLE LIFE OF EURIDICE GUSMAO*

Maria Ivanize Corrêa dos SANTOS
Universidade do Estado do Amazonas, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 30/11/2021 • APROVADO EM 29/04/2022
DOI: [10.47295/mgren.v11i2.387](https://doi.org/10.47295/mgren.v11i2.387)

Resumo

Neste artigo analisamos as posições-sujeito ocupadas por Eurídice, a protagonista do livro *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), de Martha Batalha. Para tanto, empregamos os pressupostos teóricos da Análise do Discurso de filiação francesa, fundamental para tratarmos da concepção de posição-sujeito que aqui evocamos, assim como os conceitos de discurso, formação discursiva, formação ideológica e interdiscurso. Como resultados, observamos a ocorrência de duas posições-sujeito na personagem: a primeira vinculada a uma formação ideológica conservadora e patriarcal vigente no período retratado na narrativa; e outra oposta à primeira, na qual identificamos propriedades divergentes dos padrões estabelecidos na época. Assim, por conta da divisão social de papéis destinados aos sexos, identificamos uma realidade muito difícil para as mulheres, sobretudo para as que, de alguma forma, transgredissem às normas estabelecidas pela ideologia patriarcal instituída.

Abstract

In this article, we analyze the subject-positions occupied by Eurídice, the protagonist of the book *The invisible life of Euridice Gusmao* (2016), written by Martha Batalha. For that, we used the theoretical assumptions of French Discourse Analysis Theory, fundamental to deal with the concept of subject-position that we evoke here, as well as the concepts of discourse, discursive formation, ideological formation and interdiscourse. As a result, we observed the occurrence of two subject-positions in the character: the first linked to a conservative and patriarchal ideological formation in force in the period portrayed during the narrative; and another opposite to the first, in which we identify properties that diverge from the standards established at the time. Therefore, because of the social division of sexual roles, we identified a very difficult reality for women, especially for those who, in some way, transgress the norms established by the instituted patriarchal ideology.

06
476

Entradas para indexação

Palavras-chave: *A vida invisível de Eurídice Gusmao*. Análise do Discurso. Posições-sujeito. Papéis sexuais.

Keywords: *The invisible life of Euridice Gusmao*. Discourse Analysis. Subject-positions. Sexual roles.

Texto integral

Considerações iniciais

O estudo das condições sociais das mulheres no Brasil fornece um quadro das mudanças que constituíram suas histórias em sociedade. E mais do que transformações, destacam-se as permanências. Por exemplo, a maternidade e a vida doméstica, somadas à feminilidade e ao recato, eram traços considerados naturais às mulheres dos anos 40 e 50, mas construídos socialmente em épocas anteriores. Embora reforçados nos discursos que circulavam entre essas décadas, “[...] isso não quer dizer que todas as mulheres pensavam e agiam de acordo com o esperado, e sim que as expectativas sociais faziam parte de sua realidade, influenciando suas atitudes e pesando em suas escolhas” (PINSKY, 2020, p. 608).

Nesse cenário, aquelas que transgrediam tais expectativas tinham que lidar com as sanções prescritas à época, seja por contarem com outros anseios além do casamento e da maternidade, seja por atuarem em espaços diferentes dos determinados. Essas imposições, hoje conhecidas graças aos documentos que as registraram nos discursos que circulavam no período, como revistas femininas, são retratadas no primeiro livro de Martha Batalha, intitulado *A vida invisível de Eurídice Gusmao* (2016).

Tendo como contexto sócio-histórico o Rio de Janeiro dos anos 40 e 50, a narrativa aborda as consequências dessas restrições nas vidas das protagonistas Eurídice e Guida Gusmao. A primeira, embora tenha seguido tais imposições, convive com a infelicidade por ter abandonado seus sonhos, buscando constantemente realizar novos projetos, que não são aceitos pelo marido. A segunda, ao abandonar a casa dos pais para viver um romance e tornar-se mãe solo, lida com os estigmas que passam a acompanhar sua trajetória.

Desse enredo, marcado por tantas personagens femininas interditas socialmente, destacamos Eurídice, para analisar suas posições-sujeito nesse contexto de cerceamentos representados na obra. Para tanto, abordaremos também

os conceitos de gênero e de papéis sexuais, buscando identificar as formações discursivas relacionadas a esses papéis e as formas de manifestação do interdiscurso e os efeitos de sentido produzidos na narrativa.

Para dar base ao tratamento das questões sociais envolvidas neste trabalho, empregamos D'Incao (2020), Perrot (2007) e Pinsky (2020). Quanto à discussão dos conceitos de gênero e papéis sexuais, utilizamos Bourdieu (2012), Piscitelli (2009) e Mead (1969). Nossa investigação fundamenta-se na Análise do Discurso de linha francesa – especialmente, os conceitos de posições-sujeito, formação discursiva e interdiscurso, segundo Pêcheux (1997; 2014), Pêcheux e Fuchs (1997), Courtine (2016), Orlandi (2015), Brandão (2012) e Narzetti (2010).

Na distância temporal entre o contexto de lançamento do livro de Batalha e o contexto retratado na narrativa, muitas transformações ocorreram nos padrões sociais estabelecidos às mulheres. Agora, um emprego remunerado, uma carreira e uma formação superior são algumas de suas possibilidades. Mesmo assim, as desigualdades ainda perduram, através da discrepância salarial entre os gêneros, das violências frequentes e da divisão desigual do trabalho doméstico. Por esse motivo, torna-se relevante a análise dos discursos contidos na obra, os quais representam uma época distante, mas cujos ecos, os já-ditos, reverberam na atualidade.

Este artigo está estruturado em três partes. Na primeira, exploramos as condições sócio-históricas de produção da obra e as condições retratadas na narrativa. Na segunda, apresentamos os pressupostos teóricos da Análise do Discurso, especialmente os conceitos que compõem o dispositivo mediante o qual trataremos da materialidade selecionada. Por fim, na última, desenvolvemos a análise.

Uma sociedade representada em *A vida invisível de Eurídice Gusmão*

Eurídice e Guida Gusmão são as protagonistas do livro de estreia de Martha Batalha, lançado em 2016. A narrativa, que possui como tema central os conflitos, sentimentos e vivências das duas personagens, se passa na cidade do Rio de Janeiro, entre as décadas de 40 e 50. É nesse cenário que a história, marcada pela presença de múltiplos espaços, transita pelas ruas cariocas durante a gripe espanhola, por casarões de famílias abastadas, por estalagens, entre outros ambientes descritos, os quais propiciam a imersão no contexto sócio-histórico retratado na narrativa.

Todavia, é no âmbito privado que o enredo se concentra, em um conjunto de espaços domésticos nos quais se constrói a história das irmãs Gusmão. Nascidas em família de classe média, as duas possuem um forte vínculo e apesar das dessemelhanças, partilham o desejo por liberdade, a mente sonhadora e aptidões que as distinguem das demais personagens. Porém, uma série de acontecimentos as forçam a seguirem caminhos diferentes dos almejados, dando origem a consequências para ambas. Entre esses eventos está a fuga inesperada de Guida com o namorado, que resulta nas dificuldades enfrentadas por ela durante a narrativa, sobretudo por tornar-se mãe solo. É também essa fuga, inclusive, que influencia o apagamento de Eurídice e a supressão de suas habilidades, porque no afã de tornar-se a filha perfeita para os pais e na mulher ideal para o marido, ela secundariza seus próprios anseios.

Publicado pela *Companhia das Letras*, o romance foi adaptado para o cinema em 2019 sob o título de *A vida invisível*, e teve seus direitos vendidos para mais de dez editoras estrangeiras, sendo lançado primeiramente na Alemanha antes de

chegar ao Brasil. A autora, Martha Batalha, é formada em jornalismo pela *Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro* (PUC-Rio), concluiu o mestrado na *New York University* e trabalhou nos jornais *O Dia*, *Extra* e *O Globo*.

Evidentemente, as condições sociais das mulheres no Brasil entre o período retratado na obra e o período de lançamento do livro são distintas, mas seus temas continuam sendo relevantes, já que as circunstâncias vivenciadas pelas personagens femininas favorecem a percepção de situações recorrentes ainda hoje. Por isso, o contexto sócio-histórico representado na narrativa contribui para a análise que propomos neste trabalho quanto aos padrões socialmente aceitos e aos discursos sobre papéis sexuais vigentes à época.

Sustentados por meio da atribuição de traços distintivos a homens e mulheres, esses discursos justificaram as restrições sociais impostas aos indivíduos através de propriedades consideradas inatas e provenientes de aspectos biológicos, como as capacidades reprodutivas (PISCITELLI, 2009). Nessa perspectiva, certas qualidades e comportamentos seriam inerentes às mulheres, como a passividade, o recato e a docilidade, enquanto outras seriam próprias da natureza dos homens, como a agressividade, a dominação e a virilidade. Tais determinações, contudo, não se limitam ao temperamento e à personalidade, pois também exercem influência nas divisões de espaços destinados aos sexos:

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho. (BOURDIEU, 2012, p. 20).

Dessa divisão, por muito tempo convencionalizada, coube ao homem o ambiente público, no qual ele transita e exerce o trabalho remunerado com o qual deve sustentar a família; à mulher, por sua vez, restou o espaço doméstico, com atividades não remuneradas que incluem os cuidados com a família e os afazeres do lar. Assim, apoiando-se numa justificativa aparentemente imparcial enquanto biológica e científica, esses discursos mantiveram-se por meio da vinculação do sexo ao gênero e da determinação de papéis sexuais aos indivíduos, conceitos agora compreendidos singularmente a partir de estudos como o da antropóloga Margaret Mead (1969), presente no livro *Sexo e Temperamento: em três sociedades primitivas*.

Publicada em 1935, a obra documenta a investigação comparativa de três tribos da Nova Guiné, nas quais a pesquisadora observou as ocorrências de comportamentos de acordo com as diferenças sexuais: na sociedade Arapesh, homens e mulheres tinham atitudes maternais e dóceis; na Mundugumor, ambos eram agressivos e na Tchambuli, as mulheres eram violentas e dominadoras, enquanto os homens eram mais passivos (MEAD, 1969). Dessa forma, Mead demonstrou como os traços femininos e masculinos atribuídos aos sexos são, na verdade, papéis sexuais construídos em sociedade que variam de acordo com a cultura apreendida e, portanto, não são fixos e inatos.

Daí a percepção de que também o gênero se constitui social e culturalmente. Na infância, é aprendido desde o momento em que o sexo da criança é identificado, o que passa a determinar as expectativas quanto ao seu comportamento e forma com a qual será tratada. Comumente, essas distinções envolvem também os brinquedos, as atividades e até as cores de vestimenta destinadas a meninos e

meninas (PISCITELLI, 2009). Em outros termos, enquanto o sexo corresponde à classificação biológica que considera fatores como o órgão sexual, os genes e os hormônios, o gênero refere-se à cultura, aos modos de ser aprendidos em sociedade, os quais variam de acordo com os papéis sexuais estabelecidos em cada época.

Essas construções culturais, no entanto, serviram para legitimar a divisão social de trabalho estabelecida em diversas comunidades, nas quais predominou a dominação masculina sustentada pela naturalização de uma construção imotivada (BOURDIEU, 2012). Nas sociedades ocidentais, por exemplo, as desigualdades entre homens e mulheres estão presentes em diferentes aspectos, desde o acesso à escolaridade e à participação política, até o próprio registro de homens e mulheres na história (PERROT, 2007).

No caso do Brasil, segundo D'Incao (2020), foi a consolidação do modelo de sociedade burguesa durante o século XIX e as consequentes mudanças nas esferas públicas e privadas que instituíram novos padrões de comportamento e estilo de vida. Marcadamente rural e escravista, no final do século XIX e início do XX, o país sofreu intensas transformações que alteraram o espaço público e seus usos através de medidas de modernização, além de introduzirem na sociedade novos conceitos de vida familiar:

Presenciamos ainda nesse período o nascimento de uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa, agora marcada pela valorização da intimidade e da maternidade. Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível. (D'INCAO, 2020, p. 223).

Nas décadas de 40 e 50 esse modelo seria reforçado e a restrição das mulheres ao âmbito doméstico manteve-se no Brasil. Mesmo que algumas trabalhassem fora, em escritórios ou no comércio, essa atuação sofria preconceitos sustentados por argumentos como o de que “a mulher deixaria de lado seus afazeres domésticos e suas atenções e cuidados para com o marido: ameaças não só à organização doméstica como também à estabilidade do matrimônio.” (PINSKY, 2020, p. 624). Então, no Brasil, prevaleceu o ideal da dona de casa perfeita, restrita ao lar e às responsabilidades desse espaço. Em *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, esses aspectos são refletidos nas relações entre as personagens:

E Eurídice, que nunca tinha visto a vida além daquela casa e daquele bairro, ou da casa e do bairro dos pais, achou que o marido tinha razão. Antenor sabia das coisas. Ele estudou contabilidade, era funcionário do Banco do Brasil e discutia política com outros homens. Enquanto trabalhava nas receitas ela tinha certeza de que estava fazendo algo de valor, mas na frente do marido tudo perdia o sentido. Publicar um livro, falar na rádio, ensinar culinária foram devaneios que teve. Visão quem tinha era Antenor – uma visão definida por tudo aquilo que ele via pelo bonde no trajeto até o trabalho. Mas mesmo essa visão de Antenor era maior do que qualquer outra que pudesse vir de Eurídice, que só via as paredes da casa, as barracas da feira, os grãos do armazém e o imenso vazio que a incomodava. (BATALHA, 2016, p. 32).

O contraste entre Eurídice e o marido, Antenor, ilustra bem as posições instituídas nesse período: limitada à vida doméstica, ela circula somente nos ambientes ligados às atividades do lar, como a feira e o armazém; ele, por outro lado, percorre um caminho mais extenso que o leva até o trabalho, onde conversa sobre política, especificamente, com outros homens. Então, a aparente superioridade de Antenor que inflige em Eurídice as inseguranças quanto às suas aspirações, surge das experiências diárias vivenciadas por ele, as quais são negadas à mulher. Essa rotina, embora reduzida ao trajeto casa-trabalho, serve para elevar o marido, que também possui mais escolaridade, uma profissão e um emprego remunerado.

Eurídice, enquanto representação da mulher ideal para a época, segue os padrões socialmente construídos, apesar do seu descontentamento. Entretanto, sua crença na superioridade do marido não resulta apenas dos espaços ocupados por este, mas também dos discursos que validavam essa divisão de papéis, disseminados nos diversos setores da sociedade, inclusive nas revistas femininas publicadas no período, como o *Jornal das Moças*, que ratificava essa organização familiar:

Preocupação nenhuma, nem trabalho de qualquer espécie devem obscurecer o que o namorado, o noivo e o marido procuram fundamentalmente na eleita do seu coração [...] a mulher, a companheira amorosa que governe sua casa, a mãe de seus filhos e depois, então podem vir as demais qualidades. (JORNAL DAS MOÇAS, 1954 *apud* PINSKY, 2020, p. 625).

Também presente na narrativa das irmãs Gusmão, o *Jornal das moças* é um registro dos discursos vigentes e das prescrições às mulheres entre os anos 40 e 50. Assim, as revistas reafirmavam desde o comportamento a ser adotado durante os encontros de namoro, ocasiões importantes já que o objetivo era conquistar o pretendente para o casamento, até as consequentes sanções sociais para aquelas que possuíssem outras ambições além do matrimônio – por exemplo, que priorizavam o desenvolvimento intelectual ou a conquista do trabalho –, para as quais restaria a solidão (PINSKY, 2020).

Desde então, as definições acerca dos papéis de homens e mulheres na sociedade sofreram transformações que alteraram parcialmente esse modelo organizacional. Em estudo sobre os indicadores de desigualdade de gênero no Brasil, Alves e Cavenaghi (2013) apontam o crescimento da participação feminina no mercado de trabalho que, de 2,5 milhões em 1950, subiu para 44,4 milhões em 2007. Mais do que um emprego, esses números representam a conquista de novos espaços pelas mulheres, além de suas independências financeiras.

Outro segmento que apresentou mudanças significativas foi a educação, registrando aumento na média de escolaridade do gênero feminino. Segundo os pesquisadores, em 1992 as mulheres tinham 2,5 anos de estudo, já em 2009, esse número subiu para 7,7 anos, enquanto os homens apresentavam 5,1 e passaram para 7,4 anos, em 1992 e 2009, respectivamente. Desse modo, os dados evidenciam o crescimento da escolarização das mulheres, de 47%, que chegou a suplantá-lo dos homens, com 44%. Apesar disso, as desigualdades entre os gêneros continuam: de acordo com o Índice de Desenvolvimento de Gênero (IDG), em 2018, as mulheres possuíam renda bruta anual 41,5% menor, embora a média de anos de estudo tenha se mantido acima – 8,1 anos contra 7,6 dos homens.

Hoje, por meio dessas transformações em setores como o do trabalho e da educação no Brasil, Eurídice teria mais possibilidades para publicar o livro de

receitas, ser flautista em uma orquestra, abrir um ateliê de costura e explorar também outras potencialidades. Mesmo assim, ela e as demais personagens femininas com aspirações para além da vida doméstica teriam que conviver com problemas antigos da desigualdade de gênero que ainda persistem no país. A disparidade salarial, a sobrecarga causada pela jornada excessiva de trabalho – ao conciliar uma carreira, com afazeres domésticos e maternidade – e os diversos níveis de violência física, psicológica e sexual são uma constante na vida de milhares de brasileiras.

Com a abordagem dos aspectos históricos e sociais envolvidos na narrativa, apresentaremos, a seguir, algumas considerações a respeito da Análise do Discurso francesa, tratando também das categorias que mobilizaremos no decorrer na investigação proposta neste trabalho.

Alguns apontamentos sobre a Análise do Discurso de filiação francesa

Pautado no estudo do funcionamento da língua, o Estruturalismo, cujo principal nome é Ferdinand de Saussure, marcou a Linguística durante o século XX. Com a definição de dicotomias, das quais se destaca a de língua/fala, Saussure (1974) defendeu como objeto dessa ciência a língua, concebida de forma abstrata, formal e sistêmica. Por conseguinte, a opção metodológica realizada pelo teórico resultou na exclusão da fala, que, segundo ele, é um ato individual de uso da língua, regulado conforme as particularidades de cada falante, heterogêneo e, por isso, impassível de sistematização (BRANDÃO, 2012).

Embora o trabalho do mestre genebrino tenha sido fundamental para a constituição da linguística como ciência, a exclusão da fala, do sujeito e, em parte, da história, foi criticada pelos estudos que sucederam suas formulações. Nesse contexto, é a partir da necessidade de se estudar a língua em funcionamento, com base em uma perspectiva histórica que surge, na segunda metade da década de 1960, a Análise do Discurso de linha francesa (AD). Proposta por Michel Pêcheux, essa disciplina produz um novo objeto, o discurso, mediante a tríplice aliança entre a linguística, o marxismo e a psicanálise.

Da linguística, Pêcheux (1997 [1969]) retoma a dicotomia língua/fala proposta por Saussure para afirmar que o discurso, como um novo objeto, situa-se no entremeio da língua – enquanto aspecto coletivo e universal da linguagem – e da fala – lado individual realizado pelo falante. Para tanto, o autor argumenta que apenas esses dois elementos não abarcariam todo o processo linguístico, sendo necessário o discurso como um intermediário entre eles, como destaca Narzetti (2010, p. 53):

O discurso constituiria o nível da particularidade, sendo determinado pelos interesses de determinadas classes sociais, na luta ideológica de classes. Ele se define como um subconjunto, situado em um nível irreduzível tanto aos elementos individuais que a ele pertencem quanto ao conjunto mais amplo que o contém.

O discurso, assim compreendido, é composto tanto por elementos linguísticos, quanto extralinguísticos. Em outras palavras, longe de se definir somente como um conjunto de signos necessários à comunicação, neutro e, portanto, indiferente à luta ideológica de classes, o discurso, em relação ao extralinguístico, é o lugar de manifestação da ideologia, a qual atravessa os sujeitos

e os discursos que produzem. É dessa forma que a AD retoma em seu campo teórico não apenas o sujeito, mas também a história, porque sujeito e discurso situam-se historicamente em sociedade e sofrem transformações conforme a época, o lugar e a ideologia vigente, isto é, conforme suas condições de produção (BRANDÃO, 2012).

Daí a filiação da AD ao marxismo. Em especial ao trabalho de Althusser acerca das ideologias, que será fundamental para a formulação de diversos conceitos da AD, como os de condições de produção, formação discursiva e interdiscurso. Uma das obras que evidencia essa relação é *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado* (1970), em que Althusser sustenta a tese de que a ideologia existe de forma material, não abstrata, e com isso define as condições de existência dessa materialidade (NARZETTI, 2010).

Em outras palavras, embora exista uma ideologia em geral como um conceito, uma abstração, esta adquire materialidade em ideologias particulares que existem em aparelhos ideológicos e “[...] que exprimem sempre, seja qual for a sua forma (religiosa, moral, jurídica, política), posições de classe” (ALTHUSSER, 1985, p. 82). Nesse sentido, a ideologia se materializa em atos concretos e de múltiplas formas mediante as práticas individuais dos sujeitos, o que significa que o discurso é também uma materialização da ideologia.

Do marxismo althusseriano, articulando a noção de ideologia material ao discurso como uma de suas formas de manifestação, Pêcheux (2014 [1975]) analisa o modo como as formações ideológicas (FI) – tidas como “[...] um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem *individuais* nem *universais*” (FUCHS; PÊCHEUX, 1997, p. 166, grifo dos autores) – se vinculam às formações discursivas (FD) que, “[...] a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinam o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 2014 [1975], p. 147) no discurso.

Essa relação ocorre porque as FIs possuem FDs como seus elementos constituintes. Assim, as FDs representam, no discurso, as formações ideológicas, o que “[...] equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas” (PÊCHEUX, 2014 [1975], p. 147). Para que isso ocorra, a FD atravessa tanto o discurso quanto o sujeito que o produz, através da interpelação ideológica, processo no qual o indivíduo é levado a ocupar – inconscientemente e acreditando na sua liberdade – uma posição dentro de determinada classe social, tornando-se sujeito. Ao conceito de FD, Courtine (2016, p. 19, grifos do autor) acrescenta:

Consideramos assim uma FD como uma *unidade dividida*, uma heterogeneidade em relação a si mesma: o encerramento de uma FD é fundamentalmente instável, ele não consiste em um limite traçado separando de uma vez por todas um interior e um exterior do seu saber, mas se inscreve entre diversas FD como *uma fronteira que se desloca* em função das questões da luta ideológica.

O caráter heterogêneo dessa unidade e seu encerramento instável, conseqüentemente, também marcam a heterogeneidade do discurso. As palavras adquirem sentido, no processo discursivo, dentro de uma FD e por isso uma mesma palavra pode adquirir sentidos diferentes ou palavras diferentes podem receber o mesmo sentido conforme a FD na qual estão inseridas. A manifestação de diferentes formações discursivas estabelecendo relações de antagonismos, de aliança ou de dominação é, portanto, uma propriedade do discurso (PÊCHEUX, 2014 [1975]).

Outro conceito também basilar em AD é o interdiscurso, definido como aquilo que fala “sempre antes, em outro lugar, independentemente” (PÊCHEUX, 2012 [1975], p. 149). Dito de outro modo, o interdiscurso constitui-se por um conjunto de formulações já produzidas, já ditas e esquecidas, as quais passam a representar sempre uma possibilidade dizível em outro discurso concreto, este, por sua vez, denominado intradiscurso, que é o efetivamente formulado, mas que sempre retoma já-ditos. Courtine (2009, p. 75, grifo do autor) explicita a relação entre esses dois conceitos:

O interdiscurso, enquanto lugar de constituição do pré-construído, fornece os objetos dos quais a enunciação de uma sequência discursiva se apropria, ao mesmo tempo que (ele) atravessa e conecta entre si esses objetos; o interdiscurso funciona, assim, como um *discurso transverso*, a partir do qual se realiza a articulação com o que o sujeito enunciador dá coerência “ao fio de seu discurso”: o intradiscurso de uma sequência discursiva aparece nessa perspectiva como um efeito do interdiscurso sobre si próprio.

O discurso, por isso mesmo, nunca é original, embora o sujeito tenha a ilusão de que aquilo que produz sempre é novo e desvinculado de já-ditos. De acordo com Pêcheux (2014 [1975]), isso ocorre por conta de dois esquecimentos que esse sujeito sofre: o primeiro é inconsciente, ideológico e refere-se justamente à ilusão do sujeito que se vê como origem do que produz, quando na verdade retoma discursos anteriores na sua própria formulação; o segundo é pré-consciente e relaciona-se à forma como o sujeito elabora seus dizeres e, ao antecipar os efeitos que serão produzidos, seleciona ou exclui as sentenças disponíveis na FD na qual está inserido, “esquecendo” os diferentes modos de produzir este mesmo discurso e tendo a impressão de que a forma como o constrói é a única possível (PÊCHEUX, 2014 [1975]).

Porém, como aponta Pêcheux (2014 [1975]), esses esquecimentos não representam falhas, mas um movimento necessário à produção de sentidos e à construção dos sujeitos. Aí compreendemos porque, para a Análise do Discurso, o sujeito é descentrado, dividido. De sua relação com a psicanálise, a AD desprende-se da noção de homem para a de sujeito, este determinado tanto pela ideologia, quanto pelo inconsciente.

Aliás, para a AD, esses aspectos também formam os sentidos, os quais não se originam nos sujeitos, pois “[...] são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isso que significam e não pela nossa vontade” (ORLANDI, 2015, p. 33). Isso justifica porque a antecipação que o sujeito faz dos sentidos de seus dizeres é, de fato, uma ilusão, já que ele não possui nenhum controle sobre os efeitos de sentido que serão produzidos.

Com base em Pêcheux (2014 [1975]) e na concepção do sujeito clivado, Orlandi (2015) sublinha também a noção de sujeito discursivo como uma posição mediante a qual o indivíduo torna-se sujeito e produz seu discurso. Nessa perspectiva, as posições são intercambiáveis e adquirem uma identidade em relação a outras. Isso significa que um mesmo indivíduo pode ocupar diferentes posições-sujeito a depender do discurso que formula e dos sentidos que esses dizeres produzem inseridos em uma formação discursiva. O sujeito que fala, por exemplo, na posição de professor é diferente do sujeito que fala na posição de pai, embora tais posições possam se apresentar no mesmo indivíduo.

Neste trabalho, o conceito de posição-sujeito é essencial para tratarmos das posições ocupadas por Eurídice na narrativa, bem como a concepção de interdiscurso, que aqui analisamos em suas manifestações e nos efeitos de sentido produzidos. Esses elementos, inclusive, corroboram a propriedade heterogênea do discurso, atravessado por formações discursivas e por dizeres anteriores retomados que ainda significam, ainda circulam.

Dessa breve exposição dos conceitos fundantes em AD, ratificamos o caráter interdisciplinar dessa disciplina e os motivos pelos quais seu projeto teórico produziu uma inovação ao investigar a língua em funcionamento, com base no discurso articulado ao sujeito e à história. Com isso, a AD se distancia do estudo do funcionamento da língua estabelecido no século XX porque, na perspectiva discursiva, uma teoria que desvincule a língua do real, do histórico e do social não pode compreender toda a complexidade envolvida nos processos de uso da língua.

A partir da apresentação dos conceitos que empregamos neste trabalho e também do tratamento das condições sócio-históricas situadas na narrativa, apresentamos, a seguir, alguns movimentos de análise de *A vida invisível de Eurídice Gusmão* à luz das categorias de posição-sujeito, formação discursiva e interdiscurso da AD francesa.

Eurídice: entre a submissão e a transgressão

Iniciamos a análise destacando as duas posições-sujeito que, de modo geral, identificamos na protagonista de *A vida invisível de Eurídice Gusmão*: uma que denominaremos “mulher-esposa”, correspondente aos padrões ideológicos do período situado na narrativa; e uma outra de “mulher-transgressora” porque se refere ao desejo de vida profissional, de realização de projetos e, por isso, oposta à ideologia vigente. Essas duas posições estabelecem uma relação de conflito em diversas personagens femininas do livro, contudo, devido à necessidade de delimitação, enfatizaremos esse fenômeno em Eurídice.

Também com referência a essas posições, destacamos os enunciados que resgatam, no interdiscurso, as formações discursivas favoráveis à divisão patriarcal de espaços e papéis. Esses dizeres, anteriores, são atualizados no intradiscurso e subvertidos, produzindo efeitos de sentido opostos àqueles de um sujeito interpelado pela ideologia conservadora de papéis sexuais. Exemplo disso é a passagem a seguir, na qual as qualidades de Antenor e suas exigências são elencadas:

Antenor não sumia na rua em orgias e em casa não levantava a mão. Ganhava bem, reclamava pouco e conversava com as crianças. Ele só não gostava de ser incomodado quando ouvia seu rádio ou quando lia seu jornal, quando dormia até tarde e quando descansava depois do almoço, e desde que seus chinelos permanecessem em paralelo ao pé da cama, que seu café fosse servido quase fervendo, que não houvesse natas no leite, que as crianças não corressem pela casa, que as almofadas permanecessem na diagonal, que as janelas fossem fechadas nunca depois das quatro, que nenhum barulho fosse feito antes das sete, que o rádio nunca estivesse muito alto ou muito baixo, que nunca, de forma alguma, ele tivesse que repetir o mesmo prato em duas refeições, e que os banheiros cheirassem a eucalipto, ele não exigia demais. (BATALHA, 2016, p. 25).

Ocorre aí uma quebra da expectativa criada pela expressão “só não” – que nos remete à ideia de que Antenor efetivamente reclamava pouco – causada pelo encadeamento de uma série de exigências logo em seguida. O efeito de sentido produzido por essa sequência discursiva, longe de reafirmar o personagem de forma positiva, enfatiza o quanto eram exaustivas as suas exigências, que contrastam com a sua caracterização como um bom marido. A ironia resultante dessa construção, funciona justamente pela recuperação de já-ditos, como nos aponta Brait (2008, p. 141):

as formas de recuperação do já-dito com objetivo irônico não assumem, como tal, a função de erudição, no sentido de invocação de autoridade e muito menos de simples ornamento. Ao contrário, são formas de contestação da autoridade, de subversão dos valores estabelecidos que, pela interdiscursividade, instauram e qualificam o sujeito da enunciação, ao mesmo tempo em que desqualificam determinados elementos.

Esse efeito é garantido também pela menção às qualidades de um marido que era fiel porque “não sumia em orgias” e bom porque não batia na mulher, retomando no interdiscurso dizeres que legitimavam esse comportamento não como uma obrigação de Antenor, mas como uma propriedade facultativa. Então, é justamente por ser uma escolha, não um dever, que essas características do marido de Eurídice seriam qualidades.

O mesmo ocorre com a afirmação de que ele conversava com as crianças, inserida em uma FD conservadora que validava essa ação como um atributo positivo, pois era papel de Eurídice lidar com os filhos e de Antenor manter a família. Essa formação discursiva presente no enunciado nos remete ao que afirma D’Incao (2004) sobre a divisão de papéis instituída no âmbito familiar da época, a qual determinava o espaço doméstico e seus afazeres às mulheres, enquanto o ambiente público era destinado aos homens. Por isso, a desobrigação de Antenor de interagir com as crianças, mesmo como pai, aparece legitimada nesse discurso.

Por outro lado, a posição-sujeito de Eurídice como mulher-esposa e suas atribuições domésticas são constantemente reafirmadas, tanto pelo marido quanto pelos pais da protagonista, especialmente quando ela buscava realizar projetos pessoais. Na juventude, estes eram representados pelo seu desejo de tornar-se flautista em uma orquestra e seguir a carreira musical. Porém, apesar de seu bom desempenho e do convite de um importante compositor da época, Heitor Villa-Lobos, que concretizaria essa aspiração, a possibilidade lhe é negada pelos pais:

Eurídice pulou por dentro e por fora, mas os pais disseram que não, talvez não, com certeza não. [...] Para os pais de Eurídice, a flauta jamais seria um fim. A flauta era apenas um meio. Um meio de aumentar as prendas da filha para que fizesse um bom casamento. Um meio de distrair a família depois do jantar, quando um ou outro pedia: “Toque esta marchinha”. [...] (BATALHA, 2016, p. 60).

Novamente, temos no enunciado a presença de uma FD conservadora dos papéis sexuais, que interpela esses sujeitos, no caso, os pais da protagonista. Levando em conta a concepção de Pêcheux (2014 [1975]) que considera o interdiscurso como um já-dito manifestado em dizeres concretos, observamos que

a menção à flauta como um atrativo a mais pode nos apontar os estigmas que acompanhavam as profissões ligadas às artes, as quais embora fossem reconhecidas, não eram uma possibilidade para uma jovem nas condições sociais, históricas e ideológicas de Eurídice.

Depois do casamento, essa formação discursiva se evidencia também no discurso do marido, Antenor, que, ao ser informado pela mulher sobre o livro de receitas escrito por ela e sua ambição de publicá-lo, responde: “Deixe de besteiras, mulher. Quem compraria um livro feito por uma dona de casa?” (BATALHA, 2016, p. 32). Dessa vez, a superfície do enunciado nos remete a uma exterioridade composta, no histórico e no ideológico, por dizeres que construía a posição-sujeito de mulher-esposa como um lugar próprio do âmbito doméstico, cujos dizeres não teriam validade fora desse espaço.

A ideologia que atravessa o marido e os pais de Eurídice materializa-se também nas ações da protagonista: “O final daquela noite não foi diferente do final de qualquer outra. Mãe e filha retiraram os pratos da mesa, enquanto Antenor e Afonso foram para a sala ouvir a Rádio Nacional. Eurídice lavou a louça sem levantar a cabeça. Uma ou outra lágrima se misturava com a água da pia” (BATALHA, 2016, p. 32). Manifestada no gesto de submissão ao marido, essa resposta da personagem leva-nos a constatar que a posição-sujeito de mulher-esposa construída para Eurídice, além de ser um lugar doméstico, é também passivo, o que não impede suas insatisfações:

[...] Com um olho ela vestia Afonso e Cecília para a escola, e com o outro se perguntava: *Será que a vida é só isso?* Com um olho ela ajudava as crianças com o dever, e com o outro se perguntava: *E quando eles não precisarem mais de mim?* Com um olho contava histórias, e com o outro se perguntava: *Existe vida além dos uniformes escolares, da memorização da tabuada e de todas as histórias da carochinha?* (BATALHA, 2016, p. 36).

É o descontentamento de Eurídice com as restrições de uma vida doméstica que faz surgir a posição-sujeito de mulher-transgressora tal como denominamos anteriormente. Em outras palavras, é a partir dessa insatisfação que a personagem se desloca da posição de mulher-esposa construída para ela – de acordo com os valores estabelecidos, disseminados no período e reforçados nos discursos do marido e dos pais – para a de mulher-transgressora, vinculada aos projetos desenvolvidos por Eurídice, resultantes de suas inquietações. Esse processo nos remete à concepção de sujeito da AD como um lugar, o qual é ocupado mediante a inserção do indivíduo em determinada formação social através da interpelação ideológica (PÊCHEUX, 2014 [1975]).

Em outro momento, essa necessidade de realização pessoal leva Eurídice a um novo projeto: a costura. Diferente das tentativas anteriores, a nova ambição é ocultada do marido e torna-se um empreendimento para Eurídice, que monetiza a habilidade com a costura ao produzir vestidos para as mulheres da vizinhança. Há, porém, uma dupla transgressão nessa sua fase profissional: a primeira é justamente a ocultação dessa atividade, e a segunda é o conflito entre esse trabalho e a formação ideológica presente na época, pois, como destaca Pinsky (2020, p. 625), “Em geral, esperava-se que essas mulheres se dedicassem inteiramente ao lar, fossem sustentadas pelo marido e preservadas da rua.” Por isso, quando Antenor descobre

o ateliê de costura e as numerosas clientes da mulher, seus dizeres representam os discursos que circulavam nas condições em que estava inserido:

Então eu me mato de trabalhar naquele banco pra você ter do bom e do melhor e descubro essa feira livre aqui em casa? Mas Antenor, eu também gosto de trabalhar. O seu trabalho é cuidar da casa e das crianças. Mas eu já faço isso, Antenor. [...] Eu preciso de uma mulher dedicada ao lar. É sua responsabilidade me dar paz de espírito pra eu sair e trazer dinheiro pra casa. Você tem ideia de como é complicado trabalhar na área de financiamentos? Não, você nunca me fala sobre seu trabalho. Não falo porque você não ia entender. Não me olhe assim, Antenor, eu sou uma boa esposa. Uma boa esposa não arranja projetos paralelos. Uma boa esposa só tem olhos para o marido e os filhos. Eu tenho que ter tranquilidade pra trabalhar, você tem que cuidar das crianças. (BATALHA, 2016, p. 53).

471

Nessa sequência, a reiteração da divisão de papéis presente na fala de Antenor também produz um efeito de sentido. Com a ausência de outros argumentos para impedir Eurídice de trabalhar, ele segue reafirmando as atribuições da mulher com o intuito, na verdade, de manter sua posição como o único provedor da casa. O marido age, portanto, de acordo com as convenções de uma época em que ter a esposa trabalhando e com a possibilidade de dividir as despesas do lar era visto de forma negativa pela sociedade, podendo ser um indicativo da incapacidade do homem em manter a família:

Quando Antenor conseguiu se livrar das mesmas frases, aconteceu algo ainda mais peculiar: a cada novo grito a situação dos filhos piorava. As unhas de Cecília estavam sujas, os cabelos de Afonso estavam longos. O nariz dos dois escorria, muito, sem parar, o tempo todo. Catarros verdes, amarelos, arroxeados. As crianças não faziam uma refeição decente há semanas, ele já tinha percebido. Os filhos só comiam broinhas. Broinhas! E isso quando comiam. Eram crianças que viviam ao deus-dará, estavam entregues à sorte da Providência. Mais um pouco e seriam confundidos com meninos do morro. (BATALHA, 2016, p. 53).

Na passagem acima, observamos que o aparente desleixo de Eurídice para com os filhos é usado por Antenor como um argumento para que a mulher abandonasse seu projeto. Esse efeito é reforçado pela gradação presente no enunciado através das sequências discursivas “muito, sem parar, o tempo todo” e “verdes, amarelos, arroxeados”. E é essa gradação que garante certa comicidade ao trecho, porque a cólera de Antenor é proporcional à intensificação das “condições precárias” nas quais se encontravam os filhos do casal.

Do final desse excerto, cabe destacarmos a comparação feita pelo personagem entre seus filhos e os “meninos do morro”, como uma marca dos preconceitos relacionados à população mais pobre estabelecida nas favelas do Rio nos anos 50. Efetivamente, isso não está dito no enunciado, mas aponta para dizeres anteriores, contidos no interdiscurso, que ressoam nessa passagem, especialmente se considerarmos o efeito que Antenor desejava com essa afirmação, ou seja, enfatizar a costura como uma ameaça à organização familiar e o modo como essa atividade estava prejudicando os filhos.

Tendo como base a tese de Althusser (1985) de que a ideologia é material e se manifesta em atos concretos, abordamos até aqui os discursos presentes na narrativa que são representativos da época na qual a história está situada, bem como as ações de Eurídice que evidenciam sua inserção nas FD conservadoras. Cabe salientarmos, porém, que o sujeito da AD francesa não é empírico, mas sim as posições ocupadas conforme o atravessamento desse sujeito por determinada FD (ORLANDI, 2015). Nesse sentido, apontamos também as ações da protagonista que mostram seu deslocamento de uma FD conservadora dos papéis sexuais para a posição-sujeito de mulher-transgressora.

Há um contraste entre essas duas posições, principalmente na perspectiva do marido, para quem “Eurídice era uma mulher realizada e desprovida de preocupações, graças a ele, Antenor, que nunca deixou a pá dos potes de mantimento tocar o plástico do fundo. Sempre houve fartura, sempre haveria estabilidade, e por isso sua mulher era feliz” (BATALHA, 2016, p. 161). Evidentemente, essa tranquilidade da vida doméstica não aplacava os anseios da protagonista, por isso as frustrações. Entretanto, a esposa dedicada inteiramente ao lar representava o ideal de felicidade nesse período e Antenor, desconhecendo os projetos e as frustrações da mulher, acreditava que ela possuía essa felicidade.

Nos últimos momentos da narrativa, novamente a atitude transgressora da personagem é apresentada, dessa vez nos hábitos de leitura, escrita e fumo:

[...] além da escrita ela arranjou naquele ano uma nova função para as mãos, que era a de acender o cigarro que fumava escondida no banheiro do primeiro andar. [...] Cada cigarro era um grito de liberdade que se consumia em si, sem deixar pistas. (BATALHA, 2016, p. 163).

Essa atitude marca um distanciamento das normas estabelecidas, considerando que a ação de fumar era própria dos homens e vícios como o cigarro e o álcool eram malvistas em mulheres (PINSKY, 2020). Além disso, também evidencia o contraste entre uma Eurídice, inicialmente, subordinada aos padrões, que deseja a permissão do marido para publicar um livro de receitas, e esta última, que oculta seus anseios e ações por conhecer a incapacidade do marido de aceitá-las.

Eurídice e Antenor são representativos da classe média a qual pertenciam e das expectativas que guiavam os comportamentos daqueles inseridos nesse grupo social. Situados nas condições sócio-históricas dos anos 40 e 50 e atravessados pelas formações discursivas vigentes, acabam reproduzindo os discursos e as atitudes esperadas de seus sexos, embora o comportamento de Eurídice infrinja essas normas com seus projetos, o que marca também o seu atravessamento por FD oposta ao discurso conservador dos papéis. Esse estado da protagonista nos remete tanto ao descentramento do sujeito como concebido por Pêcheux (2014 [1975]), quanto à propriedade das formações discursivas de estabelecerem relações de dominação, aliança e contradição as quais se entretecem na obra de Martha Batalha.

Enfim, a partir desta análise, buscamos tratar das posições-sujeito ocupadas pela protagonista e dos modos como a ideologia conservadora de papéis sexuais da época interferiu em sua trajetória. Destacamos, então, as restrições sociais impostas a ela pela FD conservadora contida nos discursos daqueles que ditavam suas ações, como o marido. A análise dessas consequências nos evidenciou uma realidade muito

difícil para as mulheres, sobretudo para as que, de alguma forma, transgredissem às normas estabelecidas pela ideologia patriarcal vigente.

Considerações finais

Como apresentamos na introdução deste artigo, analisamos as posições-sujeito presentes na protagonista do livro *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, de Martha Batalha. Para tanto, discutimos acerca do contexto sócio-histórico retratado na narrativa, procurando identificar as formações discursivas que estão relacionadas à ideologia conservadora de papéis sexuais presentes nos enunciados materializados na obra. Através da análise, investigamos também os interdiscursos que constituíram esses enunciados, a fim de verificar se correspondiam a dizeres anteriores que validavam a divisão de papéis.

Com esses movimentos de análise, constatamos a presença de duas posições-sujeito bastante marcadas nas sequências discursivas: uma de mulher-esposa, vinculada à formação discursiva conservadora e patriarcal, caracterizada pela passividade e pela submissão atribuídas às mulheres; e outra de mulher-transgressora, como uma posição oposta à primeira, ou seja, em conflito também com os ideais de dedicação exclusiva ao lar, ausência do desejo de realização pessoal e profissional.

A posição-sujeito de mulher-esposa, aliás, embora construída e difundida em décadas passadas, continua ressoando nos discursos do presente. Por isso, ao refletirmos sobre o que constitui a posição-sujeito de mulher na atualidade, constatamos que apesar das diversas conquistas obtidas pelas mulheres, certas atribuições legitimadas pela organização social retratada na narrativa ainda caracterizam a posição-sujeito da mulher atual.

Evidentemente, com o recorte que realizamos neste trabalho, deixamos de lado essa questão e outras possibilidades de análise da obra de Batalha. Por exemplo, a relação dos discursos representados no romance com as revistas femininas da época em que se passa a narrativa, nas quais é possível observar a presença das FDs que aqui evidenciamos.

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ALVES, José Eustáquio Diniz; CAVENAGHI, Suzana Marta. Indicadores de desigualdade de gênero no Brasil. *Mediações*, Londrina, v. 18, n. 1, p. 83-105, jul.-dez. 2013. Disponível: <http://www.uel.br/revistas/uel//index.php/mediacoes/article/view/16472/0>. Acesso em: 15 mar. 2021.

BATALHA, Martha. *A vida invisível de Eurídice Gusmão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 3. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2012.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: discurso comunista endereçado aos cristãos*. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck *et al.* São Carlos: EdUFSCar, 2009.

COURTINE, Jean-Jacques. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em *Análise do Discurso*. Tradução de Flávia Clemente de Souza e Márcio Lázaro Almeida da Silva. *Policromia*, v. 1, n. 1, p. 14-35, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/4090>. Acesso em: 15 mar. 2021.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 223-240.

MEAD, Margareth. *Sexo e temperamento: em três sociedades primitivas*. Tradução de Rosa Krausz. São Paulo: Coleção Debates, 1969.

NARZETTI, Claudiana. As linhas de análise do discurso na França nos anos 60-70. *RevLet-Revista Virtual de Letras*, v. 2, n. 02, p. 51-70, 2010. Disponível em: <http://www.revlet.com.br/artigos/52.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2021.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. [1969]. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania Mariani *et al.* 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-161.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania Mariani *et al.* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 163-252.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014 [1975].

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução de Angela Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 607-639.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José (org.). *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. p. 116-148.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Cheline, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1974.

Para citar este artigo

SANTOS, Maria Ivanize Corrêa dos. A mulher que poderia ter sido: uma análise discursiva das posições-sujeito de Eurídice em *A vida invisível de Eurídice Gusmão*. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 2, p. 459-475, maio-ago. 2022.

A autora

Maria Ivanize Corrêa dos Santos é graduada em Letras-Língua Portuguesa (Licenciatura) pela Universidade do Estado do Amazonas (2021). Atualmente, é mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes (PPGLA) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Atuou em projetos de extensão voltados para a prática da leitura e produção textual. Participou de projeto educacional pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID-UEA). Tem experiência nas seguintes áreas de pesquisa: Produção textual, Linguística, Análise do Discurso pecheuxtiana e Análise Dialógica do Discurso.